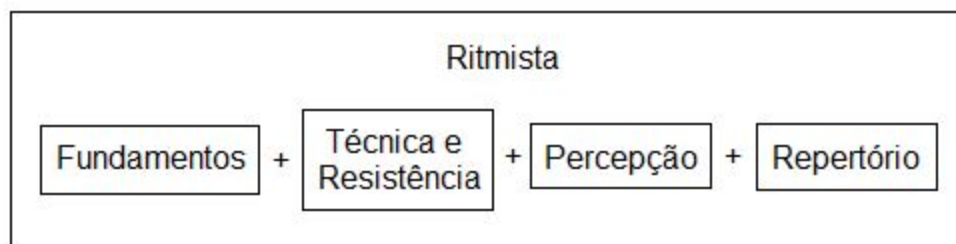


Como se forma um ritmista?

No ambiente das Baterias Universitárias, acontecem diversos esforços para se desenvolver os ritmistas de cada bateria para que seus membros toquem cada vez melhor e para que a bateria faça apresentações melhores e mais elaboradas. Para garantir que esse desenvolvimento seja coerente com a necessidade de cada ritmista, é essencial refletir sobre o que compõe a formação de um ritmista e assim entender quais aspectos da formação de cada pessoa requerem atenção, já que, como veremos, isso se trata de um processo complexo e com vários fatores envolvidos.

Para começar, vamos pensar no bloco “ritmista” como um ser formado por bloquinhos menores, bloquinhos estes que seriam “fundamentos”, “técnica e resistência”, “percepção” e, por último, “repertório”. Vejamos a definição de cada bloquinho:



Fundamentos: Compõem tudo que é teórico quando se trata de música. Por exemplo, podemos chamar conceitos como postura, tempo e compasso, andamento e bpm ou até conceitos como manulação, rufada e repicada de fundamentos, já que tudo isso serve como a base de um ritmista para ele desenvolva todos os outros blocos da sua formação.

Note que, se uma pessoa aprende o instrumento sem ter um estudo focado nos fundamentos, ela acaba absorvendo os fundamentos por osmose. Mas um estudo focado nos fundamentos é essencial, já que, como dito antes, isso compõe a base do ritmista, e a plena execução de sua música depende justamente do exercício e do estudo desses fundamentos.

Técnica e Resistência: Compõe a coordenação, habilidade e prática da pessoa para tocar seu instrumento. Se os fundamentos representam a teoria, a técnica representa a prática. E, claramente, esse bloco só pode ser desenvolvido tocando e ensaiando de verdade.

Técnica está relacionado a facilidade na execução da música. Por isso que existe um conjunto de fundamentos relacionados à técnica: eles servem para compreendermos hábitos que facilitam nossa execução ao longo do nosso desenvolvimento como ritmista. Note que é possível ter uma boa base teórica (fundamentos), mas, sem o exercício prático, não temos a técnica para tocar o instrumento.

Resistência é o que chamam de “ter braço pra tocar”, então está relacionado a conseguir tocar rápido e/ou por muito tempo. Isso se desenvolve, obviamente, tocando e acumulando horas de exercício no instrumento. Podemos ter um ritmista com base e técnica pra tocar o instrumento, mas se ele não desenvolveu resistência, dificilmente irá aguentar tocar em uma apresentação.

Percepção: Compõe a capacidade cognitiva da pessoa em reconhecer o que acontece em uma música. Esse é talvez um dos blocos mais difíceis de compreender, já que dificilmente vemos ensaios ou estudo de música dedicados a desenvolver percepção, mas o conceito é real e o mais comum é desenvolvermos isso de forma indireta.

Percepção está relacionado a capacidade de ouvir e entender o que acontece numa frase musical. É justamente por conta dessa habilidade que uma pessoa pode não saber tocar um instrumento mas consegue reproduzir o instrumento pelo canto (que nem quando cantam o tamborim como “tacaticata”). Com isso, é fácil pensar que percepção só se desenvolve ouvindo música, mas o pleno exercício da percepção depende de mais do que só ouvir.

Quando falamos de percepção, também estamos falando, por exemplo, da capacidade do ritmista “voltar no samba”. Se ele está tocando em uma apresentação mas se perde em alguma frase, sua capacidade de voltar a tocar e entrar corretamente na música depende justamente dessa percepção. Podemos, então, definir o exercício da percepção como uma mistura de tocar e ouvir. A percepção realmente tem muito a ver com a ação de ouvir, mas essa habilidade só se manifesta quando a pessoa interpreta o que foi ouvido para realizar outra ação (no caso, tocar e entrar certo na música).

Repertório: Compõe todas as frases musicais que o ritmista tem registrado em sua cabeça. Note que com essa definição, o ritmista não precisa necessariamente saber tocar o que ele ouviu para dizermos que ele tem repertório. É muito fácil você conhecer diversos desenhos de tamborim mas não saber tocar nenhum. Isso acontece pois, como vimos, saber tocar o que você ouve está mais relacionado à percepção.

Repertório tem muito mais relação com conhecimento e memória de frases musicais. Quando você ouve desenhos, breques e convenções de outras baterias, você amplia seu repertório. Em outro exemplo, você pode receber um ritmista incrível que saiba tocar muito bem algum naipe, ou seja, tem os fundamentos, técnica e percepção desenvolvidos. Mas para que ele seja de fato um ritmista da sua bateria, você tem que desenvolver o repertório dele e ensiná-lo frases e desenhos próprios da sua bateria. E dependendo da percepção dele, ele consegue aprender os desenhos só de ouvir! Justamente por isso que repertório não tem a ver com tocar, mas sim ouvir e memorizar música.

Conclusão

As informações trazidas nesse texto compõem uma base para discutirmos a formação do ritmista. Como dito na introdução, se soubermos o que está em jogo na sua formação, podemos conduzir um processo de aprendizagem muito mais coerente, eficiente e proveitoso. E por se tratar de um processo complexo, mesmo os ritmistas mais avançados de uma bateria ainda podem ter que desenvolver melhor algum dos bloquinhos que aqui abordamos.

Esse texto também serve de base para o desenvolvimento da bateria em diversas ocasiões e situações pela qual ela passa. A escolinha de uma bateria deve se preocupar em repassar os fundamentos e desenvolver a técnica dos alunos; uma bateria que tem dificuldades com criação pode focar no seu desenvolvimento de repertório; uma bateria que está ensaiando pra competição irá focar em desenvolver técnica/resistência e a percepção dos ritmistas.